

Texto para a exposição 'Contos
Fotográficos' do artista Adriano
Machado, realizada no Museu de
Arte da Bahia, Salvador, em 2018.

A vida como predicado de si Fábio Gatti

Talvez uma das coisas mais difíceis seja organizar o conhecimento sensível para exibi-lo. Difícil precisamente porque se procura, com frequência e sanha, um sentido que lhe caiba e descreva em sua justeza ou um adjetivo que lhe vista de maneira confortável e eloquente. Contudo, mais árduo – mas nem por isso indelicado – é o desvelamento da sensibilidade cotidiana, aquela cuja aparição vem carregada de afetos quentes, de relações pessoais oscilantes, de memórias próprias e de outrem, ficcionais ou não, de exclamações cítricas, de olhares ora diretos, ora oblíquos, penetrantes ou evasivos, de porquês avermelhados e terrosos, de indignações rudes e doídas, de obscenidades pontiagudas, de violência político-social estridente; ou, se se preferir, da vida mesma.

Adriano Machado encara o cotidiano e com ele extrai o sumo de sua poética. Retira os véus que encobrem sua mais profunda intimidade e, nessa operação, dá a ver uma geografia compreensiva – como a desenhada por Milton Santos¹ – cujo intuito reside na integração dos espaços e territórios em seus dinamismos, não apenas na delimitação de suas fronteiras e especificação de suas localidades. Justamente por apresentar esse espaço banal, onde o acontecimento deve ser estimado nas interrelações entre os fenômenos, é que Adriano se dispõe a mostrar a crueza das feridas e as notas alegres da esperança. As fotografias aqui organizadas podem ser acessadas sob vieses diversos, porém jamais distantes da substância de quem as produziu: elas constroem um crônica da vida como predicado de si.

Não se trata de fotografias endereçadas à busca da verdade, visto que Adriano – parafraseando Manoel de Barros² – não está preocupado em saber como as coisas se comportam mas, ao contrário, em inventar seus comportamentos. Como um neófito, ele procura aprender a ver pelo espelho e a replicação de seus reflexos no interior de seu lar, arquitetando paisagens que “exprimem as heranças que representam as sucessivas reações localizadas entre homem e natureza”³, entre seu âmago, o mundo e nós. Ao descortinar sua quinta-essência, sente-se apto para enveredar na elaboração de seus não-retratos, nos quais o anonimato é o trampolim para uma universalidade. Há, também, a delicadeza da encenação e da pose dirigida para a fotografia cuja simplicidade é potencializada pela invenção dos comportamentos dos objetos e da pessoa em cena.

Agora, reconhecendo-se experiente e vívido, parte mundo afora. Fora de casa e já escolado pela vida em seus malefícios e benevolências, caminha em busca de outros espaços para viver. Sua paisagem, antes localizada na fronteira especular (da câmera e do espelho) e nas paredes externas não emassadas do seu quintal familiar assumem, daqui em diante, a sobreposição dos territórios particulares e suas interrelações fenomênicas ainda inimagináveis. A vida, antes um predicado dele, torna-se também um predicado de si própria: “A vida inventa! [...] A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. [...] Viver é muito perigoso; e não é não. [...] Um sentir é o do sentente, mas outro é do sentidor”⁴. Sendo ao mesmo tempo quem sente e quem produz o sentir, Adriano Machado manifesta visualmente a contradição dessa ferida que é vida em seus Contos Fotográficos. Suas imagens ora ardem, ora cicatrizam, num perpétuo ir e vir.

¹ - SANTOS, Milton. O Papel Ativo da Geografia. Um Manifesto. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, julho de 2000.

² - BARROS, Manoel. Tratado geral das grandezas do ínfimo. São Paulo: Leya, 2013.

³ - SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp

⁴ - ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Fronteira, 1984.

Website do artista:

<https://cargocollective.com/adrianomachado>